

"ENQUANTO DIRETOR-GERAL DA ABMG, SINTO-ME UM PRIVILEGIADO POR LIDERAR UMA EQUIPA QUE, PARA ALÉM DO EMPENHO, REVELA UMA MATURIDADE E UM SENTIDO DE RESPONSABILIDADE NOTÁVEIS, EXPRESSO NO FOCO A QUE ESTÃO DEDICADOS E DE OLHOS FITOS NUM CAMINHO QUE EU APENAS AJUDO A PERCORRER, NA SUA QUALIDADE DE VERDADEIROS PROTAGONISTAS DE UMA BONITA HISTÓRIA QUE AINDA SÓ ESTÁ NO SEU PRÉAMBULO"

NUNO CAMPILHO, DIRETOR-GERAL DA ABMG



EQUIPA DA ABMG



A

B

M

G



“Temos as nossas Prioridades bem Definidas e uma Equipa Determinada em fazê-las Cumprir”

Bianca Simões, responsável pelo Departamento Comercial da ABMG, faz um balanço dos passos dados até aos dias de hoje, por parte da entidade que integra.

Ao pertencer à ABMG, a Bianca Simões contribui – e muito – para o crescimento da empresa. Quais têm vindo a ser as grandes oportunidades que esta atividade lhe tem trazido?

Tem sido, desde o início, um grande desafio para mim. Quando chegámos aqui, não existia nada, herdámos apenas as infraestruturas. Não tínhamos fornecedores nem equipamentos para trabalhar e éramos cerca de sete ou oito pessoas sentados em apenas duas secretárias. Por estes motivos tem sido extremamente desafiante e, na minha perspetiva, apesar de ainda existir um longo caminho a percorrer, já andámos bastante nesta que é a nossa caminhada.

A equipa tem sido fantástica desde o princípio e a nossa união foi crucial para concluirmos a primeira e a mais difícil fase – se não tivéssemos uma equipa tão empenhada não teria sido possível fazê-lo.

No que diz respeito ao Departamento Comercial, tivemos de reunir a equipa desde o dia número um e, podendo analisar o tempo que já passou, creio que fizemos um bom trabalho. É uma equipa maravilhosa que me apoia em toda e qualquer situação, o que torna toda a atividade recompensadora e gratificante.

Que melhorias estratégicas a ABMG se tem empenhado em desenvolver, de forma a acompanhar a evolução e o reconhecimento do setor?

A primeira e mais importante é



BIANCA SIMÕES

a constante adaptação. Não nos podemos esquecer que iniciámos a faturação a meio de uma pandemia que impactou o mundo inteiro e que nos obrigou a permanecer

em casa. Em consequência, a faturação inicial atrasou porque não estávamos a trabalhar a 100% ou como deveríamos uma vez que se tratava de um projeto embrionário.

Contudo, nessa altura, migrámos as bases de dados referentes aos três concelhos para uma só, pertencente à ABMG, o que foi uma parametrização complexa, porque tinham métodos de trabalho distintos. Ainda assim, com a nossa resiliência, fomos adaptando todas as informações, de forma a, aos poucos, irmos traçando os nossos objetivos.

Após atrasos e vicissitudes inerentes às nossas circunstâncias, fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para reestruturar e reajustar os serviços que nos estavam destinados, isto, mais uma vez, porque a equipa nunca deixou de acreditar e trabalhar para esse fim.

Temos, assim, ao longo destes dois anos, melhorado o serviço ao nível da faturação. Anteriormente existiam concelhos que não tinham muitas opções de pagamento. Nós introduzimos algumas soluções e creio que foi uma mudança agradável para todos.

Que passos serão dados no futuro?

Quando ingressámos neste projeto contávamos que, no segundo ano, tudo estaria mais calmo e consolidado. Temos tido desafios diários que têm atrasado este processo, contudo posso garantir que são dores de crescimento elementares na nossa jornada. Sabemos o que queremos para o futuro da ABMG e temos consciência de que iremos passar por adversidades até lá chegarmos, mas o mais importante é que temos as nossas prioridades bem definidas e uma equipa determinada em fazê-las cumprir. ■

Foto: DIANA QUINTELA



“Um dos Desígnios da ABMG passa, de facto, pela Redução das Perdas de Água”

A dinâmica da equipa da ABMG faz nascer uma nova forma de potenciar os seus planos estratégicos para o futuro. Neste sentido, Alexandra Ferreira, responsável pelo Departamento de Projetos, indica-nos o caminho que a mesma tem traçado e as grandes prioridades vindouras.

Analizando o setor onde a ABMG se insere e, sendo esta uma incentivadora de mudanças, criações ou serviços em prol dos habitantes, quais é que têm sido as prioridades?

A ABMG encontra-se ainda numa fase muito embrionária e, nesse sentido, os desafios diários são de facto uma constante. Existe ainda um longo caminho que temos de percorrer para que possamos atingir os objetivos para o qual a empresa foi criada e atingirmos o patamar desejável, que é o da excelência.

Neste momento ao nível de grandes investimentos, a ABMG tem em execução oito empreitadas, no âmbito de sete operações aprovadas pelo PO SEUR. Este conjunto de operações representa um investimento global de 9 milhões de euros, com uma comparticipação do Fundo de Coesão de 3,9 milhões de euros. O montante global de investimento terá ainda tendência a aumentar, tendo em conta o contexto atual de subida de preços, que terá impacto nos índices das revisões legais de preços. É, de facto, um investimento e um esforço muito grande para a empresa.

É do conhecimento geral que a água é um recurso cada vez mais escasso. Assim, qual tem vindo a ser o papel da empresa na consciencialização deste facto junto da comunidade?

Efetivamente a água é um recurso limitado, que todos devemos proteger e valorizar, não só para preservação dos ecossistemas, mas também por uma questão de respeito para com as gerações futuras.

Estes fenómenos de escassez podem impactar até mesmo ao



ALEXANDRA FERREIRA

nível da disponibilidade de água para consumo humano. Nesse sentido, entendemos que a nossa entidade, enquanto responsável pelo abastecimento e saneamento das águas residuais, assume um papel imperativo na consciencialização da população, começando pelas camadas mais jovens. Por outro lado, temos ainda um dever acrescido, que é o de promover medidas que possam combater esta realidade. Um dos desígnios da ABMG passa, de facto, pela redução das perdas de água nos sistemas de abastecimento, aumentando assim, também, os níveis de sustentabilidade

deste recurso que é essencial. Uma das operações que temos neste momento em curso tem precisamente como foco a redução das perdas de água. É nossa intenção implementar um plano estratégico de controlo e redução de perdas de água.

Há, assim, duas empreitadas em fase de execução, nesta matéria: a primeira resume-se à substituição de condutas com perdas de água muito elevadas e a segunda passa pela criação de zonas de medição e controlo, com a colocação de caudalímetros, que nos vai permitir ter a noção exata da água que entra

e que sai em cada zona. Por outro lado, está a ser implementado um sistema de telemetria que vai permitir uma monitorização em contínuo da rede.

Este conjunto de medidas será determinante para que possamos iniciar este processo, que é longo, na redução das perdas reais de água. Neste momento as perdas reais de água rondam os 58%, e com a implementação deste projeto e de outras medidas, o objetivo é que, em 2023, seja possível atingir as metas definidas, reduzindo esse valor cerca de 13%.

Como perspetiva o futuro da ABMG?

Na minha ótica, vivemos agora um momento muito desafiante e crucial, não só para o país e para o setor, mas para a ABMG em específico. No entanto, quero referir que apesar de todas as adversidades – uma vez que somos uma entidade recente – estamos perante uma equipa que está empenhada e motivada e, assim, é meio caminho andado para que consigamos atingir os nossos objetivos.

É uma prioridade investir no reforço dos sistemas de abastecimento de água e saneamento de águas residuais no futuro, de forma a garantirmos o aumento da adesão ao serviço e, ao mesmo tempo, aumentarmos a taxa de cobertura e melhorarmos a qualidade do serviço prestado.

Ao nível do abastecimento de água, estamos praticamente com 98% de taxa de cobertura, no entanto, na área do saneamento ainda estamos aquém daquilo que é o desejável. E nessa matéria há um conjunto de investimentos previstos, que serão necessários realizar a curto prazo. ■

FOTO: DIANA QUINTELA



“O nosso maior Objetivo é garantir a Entrega de uma Água Controlada e de Boa Qualidade aos Nossos Consumidores”

Contar com um profissional de qualidade significa garantir que todo o processo de controlo de produtos está de acordo com o que a empresa e, neste caso, a comunidade pretende. É precisamente sobre esta matéria que Daniela Lourenço, responsável de Departamento pelo Qualidade e Ambiente da ABMG, desconstrói algumas questões.

Quando falamos do setor da água, sabemos que existem aqui determinados padrões que são precisos respeitar. Quais são os mesmos e que a ABMG apresenta?

Enquanto gestores deste serviço o nosso maior objetivo é garantir a entrega de uma água controlada e de boa qualidade aos nossos consumidores. Este acaba por ser o nosso principal papel: garantir a qualidade e a quantidade adequadas. É nossa intenção, que, o serviço a que nos propomos é executado com qualidade e, para tal, desenvolvemos, ao longo do ano, planos estratégicos que ajudam a cumprir esses parâmetros de qualidade.

No Departamento desenvolvemos trabalho no âmbito dos controlos da qualidade da água de consumo humano e do efluente rejeitado para o meio hídrico. Desenvolvemos o Programa de Controlo da Qualidade da Água (PCQA) que é previamente à implementação, aprovado pela ERSAR - Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos, sendo esse controlo feito na torneira do cliente. Desenvolvemos ainda o Programa de Monitorização Operacional (PMO) que conta com duas vertentes, a analítica, em que realizamos o controlo analítico das nossas captações, por forma a monitorizar ao longo do ano a qualidade da água na origem, a outra vertente é a operacional, em que controlamos o tratamento da água. Diariamente a nossa água é vigiada em diversos parâmetros. Além de realizarmos outras atividades que ajudam a manter a qualidade que nos é reconhecida.

Como somos uma entidade ges-



DANIELA LOURENÇO

tora tão recente, o maior desafio encontrado foi a receção de realidades tão distintas, uma vez que temos à nossa responsabilidade três municípios com gestão e necessidades diferentes, contudo tentamos implementar de forma equitativa as mesmas orgânicas, procedimentos e dinâmicas.

Muitas entidades têm, cada vez mais, fomentado a ideia de con-

sumir água da torneira em substituição da água engarrafada. Considera que existe ainda receio por parte da população para esta prática?

Penso que depende das zonas habitacionais. Numa zona urbana a ideia de que a água da torneira não tem qualidade já é quase um mito que está a ficar desconstruído. Já no meio rural existe mais dificuldade em aceitar que a água

da torneira é própria para consumo humano, pelas suas características organoléticas após o tratamento, e ainda são utilizadas fontes, poços ou furos particulares, onde a água, de facto, não é tratada, podendo ser um risco para a saúde pública.

A nossa água é captada, tratada e distribuída, tendo mantido nestes dois últimos anos um nível de água segura de acordo com o Plano Estratégico de Abastecimento de Água e Saneamento de Águas Residuais para este indicador. Todos os meses é controlada em vários pontos e é uma água segura. Aliás, a legislação aplicável obriga a que, a água distribuída pelas Entidades Gestoras seja sujeita a um maior controlo analítico do que a água engarrafada e os consumidores não fazem ideia disso.

Se hoje falamos tanto em sustentabilidade e proteção do meio ambiente, porque havemos de comprar água engarrafada e gerar resíduos, quando a da torneira tem tanta qualidade?

Quão gratificante é integrar uma entidade que promove um serviço de qualidade junto da população?

A nível pessoal, aceitar este desafio foi, por si só, um grande desafio, uma vez que tivemos de construir tudo do zero. O que sinto é que, devido às adversidades ultrapassadas, criámos uma equipa muito coesa.

No que diz respeito ao desafio profissional, assegurar um serviço de qualidade é de uma enorme responsabilidade, por ser um bem essencial à vida e à salvaguarda da saúde pública, sendo muitas vezes, desvalorizado o trabalho desenvolvido para a sua garantia. E a transmissão desta mensagem é a forma de mostrar tudo o que fazemos, e que fazemos bem! ■

FOTO: DANA QUINTELA



“É muito Gratificante percebermos que a nossa Qualidade e Esforço já são Reconhecidos”

Na vanguarda do desenvolvimento interno e externo, Rafael Tralhão Gomes, responsável pelo Departamento Administrativo e Financeiro; Sérgio Monteiro, da Divisão de Contratação Pública e Jéssica Jorge, do setor de Recursos Humanos, têm proporcionado o crescimento sustentado da ABMG.



FOTO: DIANA QUINTELA

RAFAEL TRALHÃO GOMES

Acredita que a inovação é fundamental no setor da água? De que forma a ABMG tem inovado os seus processos operacionais ao longo dos tempos?

Temos necessariamente de inovar face ao que é a realidade ex ante para a ABMG. Sendo uma entidade que agregou três serviços de água de três municípios, naturalmente que temos de trazer uma boa dose de inovação de forma a otimizar os nossos processos. Essa inovação é muito importante e tem de ser constante para a eficiência dos nossos serviços, o que deverá ser encarado como uma forma de honrar o legado dos serviços municipais que nos antecederam.

Em termos Administrativos, enquanto Departamento que mais tem de dar suporte a toda a estrutura da empresa, temos de nos reinventar dia após dia, adaptando-nos ao que são as necessidades dos colegas, da própria empresa e dos acionistas que são os Municípios.

É muito gratificante percebermos que a nossa qualidade e esforço já são reconhecidos. Queremos chegar ao dia em que somos vistos como um parceiro forte para a comunidade, como um parceiro de responsabilidade social e ambiental, aos olhos dos nossos utilizadores e stakeholders. ■



SÉRGIO MONTEIRO

Que estratégias têm predominado, a fim de contribuir para a evolução da ABMG nos Municípios onde se insere?

Desde logo, no segmento da Contratação Pública, sendo a área responsável pela aquisição de todos os bens e serviços necessários, procuramos, através dos diversos procedimentos, escolher os melhores operadores de mercado, os players que tenham os métodos de trabalho mais eficazes, as tecnologias mais eficientes, ao preço mais competitivo, para que o crescimento da ABMG seja sustentado e dentro dos parâmetros que lhe é possível.

A nossa preocupação, enquanto prestadores de serviço público essencial, é de facto a qualidade dos processos. Por vezes, as questões legais são um entrave para que possamos dar uma resposta célere, mas, ao mesmo tempo, faz parte da nossa construção, afirmação e posicionamento, que será cada vez melhor. ■



JÉSSICA JORGE

Como define a ABMG e a importância que a mesma tem, não só para a equipa, como para a comunidade?

A ABMG surgiu com um grupo muito limitado de pessoas que abraçaram o projeto e se comprometeram a impulsionar a empresa e transformá-la numa entidade de referência. Passaram-se momentos conturbados, mas a resiliência de todos tem permitido à equipa fomentar os seus laços e desenvolver trabalho de excelência.

No que respeita a comunidade, a ABMG é uma entidade presente e atenta, que acompanha as necessidades das populações e que se dedica às suas preocupações. Em vista disso, a ABMG está presente fisicamente nos três municípios através dos Frontoffice Comerciais e Unidades Logísticas e, sempre que possível, tem-se feito representar em atividades concelhias permitindo uma ligação muito estreita com todas as entidades e utilizadores.

Um excelente indicador do reconhecimento da ABMG pela comunidade é o crescimento do número de pessoas que querem trabalhar connosco. Atualmente, os nossos procedimentos de RH têm recebido muitas candidaturas e uma grande mais-valia é, de facto, podermos dizer que somos uma entidade criadora de emprego e que traz bem-estar para as nossas comunidades.

Desde as pessoas que trabalham connosco desde o primeiro dia, aos que se juntaram mais tarde à equipa, o foco é o mesmo e sustenta-se pela união de todos. ■



“Queremos munir a ABMG de Equipamentos que possam Potenciar o nosso Core Business”

Rui Pedro Simões, responsável pelo Departamento Operacional e pelo Departamento de Gestão de Infraestruturas; Solange Nogueira, da Divisão de Operação de Mira; Margarida Carvalho, da Divisão de Operação de Montemor-o-Velho; Rita Costa, da Divisão de Operação de Soure; e José Martins, da Divisão de Gestão de Infraestruturas e Equipamentos, contaram-nos as perspetivas para o futuro da ABMG.



RUI PEDRO SIMÕES

Como começou, de forma geral, a Gestão de Infraestruturas na ABMG?

Deparamo-nos com infraestruturas de certa forma envelhecidas e com falta de manutenção pontual. Atualmente a capacidade técnica é outra e estamos a evoluir para melhor, com a ajuda das equipas que, também elas, foram construídos do zero. Apesar de a ABMG ainda não ter todos os recursos necessários, está a construí-los aos poucos sendo que é nossa preocupação trabalhar bastante nos recursos hídricos e no impacto ambiental. Estamos a trabalhar fortemente nestas questões com todas as entidades envolvidas. Além disso, queremos aumentar as infraestruturas que contribuem diretamente para a continuidade do abastecimento, qualidade de serviço, a um preço adequado. Ambicionamos arranjar soluções eficazes e mantê-las, tanto a nível de valorização corporativa como das instalações e equipamentos. Para que isso seja possível, investimos em tecnologia em diversas áreas técnicas, privilegiando a formação interna dos Recursos Humanos. Queremos munir a ABMG de tecnologia de ponta que possam potenciar o nosso «core business» e, assim, garantir uma qualidade de serviço de excelência. ■



MARGARIDA CARVALHO

O que se está a fazer para melhorar e reorganizar o abastecimento de água?

A ABMG abrange neste momento quase a totalidade do seu território em termos de abastecimento de água. Na totalidade temos cerca de 1050 quilómetros de rede de abastecimento de água, sendo que, quando a mesma nos chegou às mãos era uma rede algo envelhecida. Este facto faz com

que existam algumas ruturas. O nosso objetivo é diminuí-las, em número e em gravidade, uma vez que qualquer rutura tem um impacto significativo nos nossos consumidores. Temos tido ainda atenção às elevadas pressões que existem em alguns pontos da rede. A ABMG tem investido em reorganizá-la e fazer, assim, um controlo de pressões através da instalação de variadores de velocidade para diminuir os choques hidráulicos nas condutas, reduzindo as fugas e o consumo energético. Em consequência, aumentamos o tempo de vida útil das condutas que estão neste momento instaladas. ■



SOLANGE NOGUEIRA

O que se tem desenvolvido no que diz respeito ao Controlo de Perdas e Energia?

Numa empresa tão recente como a ABMG, na minha perspetiva, não faz sentido falar das definições técnicas de perdas, mas sim dividi-las em três grupos: perdas macro, que são as perdas reais e de maior volume a nível do abastecimento em alta e em baixa e as mais relevantes para o balanço hídrico, cujas iniciativas passam pela implementação de sistemas de tele-

gestão, através da comunicação entre a captação, reserva, adução e distribuição, sendo este ciclo comandado pelo consumo; as perdas médias, que estão relacionadas com os volumes não contabilizados e não faturados a nível do cliente, onde temos substituído contadores avariados, instalado contadores em locais onde não havia mediação, entre outros; e por fim as perdas micro, que são as mais refinadas e que têm a ver com erros de medição/contagem e consumo não autorizado. Neste último ponto, estamos a instalar contadores ultrassónicos nos nossos 100 maiores consumidores, o que vai fazer com que o rigor da leitura seja muito superior. ■



RITA COSTA

Que análise é feita do saneamento global da ABMG?

Temos cerca de 1050 quilómetros de rede de água e 375 quilómetros de rede de saneamento. Efetivamente, a ABMG tem como preocupação investir nas redes de saneamento para aumentar o número de população servida. Atualmente temos cerca de 30000 clientes totais, em que só cerca de 20000 é que são abastecidos por saneamento. Existem duas realidades em relação à rede dos coletores, em que uma é muito antiga e outra mais recente, sendo que a preocupação está em acompanhar os comportamentos das instalações envelhecidas através de inspeções dos coletores para podermos planear a curto prazo a substituição dos mais antigos. Preocupamo-nos ainda na reorganização de todo o sistema, de forma a otimizar as questões de energia e melhoria na capacidade de tratamento, assim como a entrada indevida de pluviais. No dia a dia temos efetuado campanhas e ações no sentido de melhoria destas condições, bem como de consciencialização junto da população para comportamentos mais adequados no uso do saneamento. ■



JOSÉ MARTINS

Que medidas existem para repor as condições de todas as instalações, baixar a manutenção curativa e aumentar a manutenção preventiva?

Inicialmente encontramos equipamentos inadaptados para garantir um adequado funcionamento dos sistemas e a necessitarem de manutenção, de uma forma generalizada, em mais de 70% das instalações, tanto em saneamento como em abastecimento, nos três municípios. Estamos neste momento a fazer uma recuperação ativa das mesmas, com novos equipamentos e infraestruturas auxiliares, nomeadamente através da intervenção em quadros elétricos e respetivos acessórios, correspondendo, aliás, a uma das principais razões para a constituição desta empresa intermunicipal. Ao mesmo tempo temos também vindo a instalar, quando possível, equipamentos mais eficientes de forma a reduzir a pegada ecológica e a reduzir os custos energéticos. De futuro pretendemos diminuir a manutenção curativa e construir um plano anual de manutenção preventiva de forma a garantir que os equipamentos sejam 100% operacionais. ■